

DIE FREUDLOSE GASSE / 1925

(Rua Sem Sol)

Um filme de G. W. Pabst

Realização: Georg-Wilhelm Pabst / **Argumento:** Willy Haas, baseado na novela homónima de Hugo Bettauer / **Fotografia:** Guido Seeber, Curt Oertel e Robert Lach / **Décors:** Hans Sohnle e Otto Erdmann / **Interpretação:** Greta Garbo (Grete Rumfort), Asta Nielsen (Marie Leschner), Valeska Gert (Frau Greifer), Werner Krauss (o homem do talho), Einar Hanson (Tenente Davy), Tamara Tolstoi (Lia Leidt), Gregori Chamra (empregado do talho), Agnes Esterhaisy (Regina Rosenow), Henri Stuart (Egon Stirner), Jaro Furth (Franz Rumfort), etc.

Produção: Sofar-Film (Berlim) / **Cópia:** 35mm, preto e branco, tintado, mudo, intertítulos em alemão legendados eletronicamente em português 145 minutos, a 20 fps / **Estreia Mundial:** Alemanha, 18 de Maio de 1925 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, 16 de Outubro de 1926.

Acompanhamento ao piano por Daniel Schvetz

O austríaco Pabst começou, como quase todos os grandes realizadores dos anos 20, no teatro, como actor, em 1907, quando contava 22 anos. Como actor correu mundo (esteve na América um ano) e voltava à pátria em 1914 quando a guerra o surpreendeu em Paris, onde foi preso (passou os quatro anos do conflito internado num campo de concentração, em França). Finda a guerra, voltou ao mundo do espectáculo e o cinema começou a atraí-lo: primeiro como argumentista (entre 1920 e 1922), depois como realizador. A sua primeira obra – **Der Schatz** de 1923 – é um dos últimos filmes basicamente fiéis à estética expressionista, quando já este estilo era combatido pela maior parte dos outros cineastas.

Pabst que soube sempre ser oportuno (há quem lhe chame coisas piores) percebeu a viragem e rapidamente mudou de rumo. Depois de um filme relativamente incaracterístico (**Gräfin Donelli**) assinou em 1925 o filme que hoje vamos ver e que estabeleceu a sua reputação e glória mundiais. Ainda hoje – 91 anos após a estreia – **Rua Sem Sol** é uma das obras mais famosas do cinema alemão. Comprovou-o, o enorme sucesso alcançado pela reposição do filme em 1981, nas principais cidades do mundo, na cópia restaurada, recuperando as cenas, à época amputadas pela censura.

Donde provém o fascínio desta obra?

Para lá dos seus inegáveis méritos, ele reside, sobretudo, antigamente como agora, na presença mítica de Greta Garbo, no último dos seus filmes europeus, quando tinha apenas 20 anos.

Foi o sucesso de **Gösta Berling Saga**, que levou Stiller e Garbo a Berlim, onde o primeiro a deveria dirigir de novo num caríssimo projecto, a ser filmado parcialmente no Oriente. Mas começaram os azares de Stiller: os produtores hesitaram em arriscar tanto dinheiro e enquanto a coisa não se decidia, Pabst foi mais rápido. Fabuloso director (e detector) de atrizes, compreendeu imediatamente o que podia tirar dum “bicho” daqueles e contratou-a para uma produção barata, inteiramente a rodar em estúdio, extraída de um popular romance do escritor Hugo Bettauer, cujo assassinato tanto comovera por esses anos, a opinião pública alemã. No *cast* Greta Garbo vinha a seguir a outra lendária “estrela”, como ela nórdica: a dinamarquesa Asta Nielsen que, desde os anos 10, era uma das mais celebres atrizes do cinema alemão. Mas, como mais tarde com Louise Brooks, ou com Marlene, Pabst apostou desde o início que a presença de Garbo eclipsaria a de Nielsen e jogou tudo nessa carta. No mesmo ano, a Metro contratava-a e no ano seguinte iniciava-se na América (com **The Torrent**) a mais fabulosa carreira de atriz da história do cinema. E a fama de **Rua Sem Sol** é, antes de tudo, a fama de Garbo, genialmente

dirigida.

Antes de passarmos a outros aspectos vale a pena demorarmo-nos neste, que é o melhor título da glória de Pabst: a sua capacidade como director de actrizes. Porque não são só os famosos grandes planos da "Divina" (e repare-se sobretudo nas sequências da grande conversa com o pai, após o despedimento, do casaco de peles, ou da *party* final): desde o primeiro plano em casa (na "apresentação") Greta Garbo "enche" o écran, fabulosamente iluminada e construindo uma personagem que, sem a sua *presença*, relevaria do pior melodrama. E aqui há que tirar o chapéu a Pabst porque não é só Garbo quem consegue tal "milagre": se as modas envelheceram muito mais Asta Nielsen, ela é igualmente portentosa (sobretudo quando surge de cabeleira loira, transfigurada e enigmática) como também o é Valeska Gert, na Greifer, com as contorções "expressionistas" que tão bem convêm ao "demonismo" do personagem, operando um magnífico contraste com o naturalismo estilizado da Garbo e com a estilização hierática de Nielsen. Só para ver o modo como Pabst articulou essas três mulheres e a partir delas constituiu um centro para este filme centrífugo, vale a pena ver e rever **Rua Sem Sol**, arquétipo dessa entidade misteriosa que dá pelo nome de fotogenia.

Mas o prestígio deste filme não se ficou pelas actrizes (ou pelo notável Krauss). Se à época, **Rua Sem Sol** marcou uma pequena revolução foi pelo seu lado realista, como pintura do ambiente da crise dos anos do post-guerra, com as sequências das bichas ou da revolta final a serem saudadas como a introdução no cinema de "algo de novo", até aí jamais visto. Philippe Soupault escreveria muitos anos depois: "o que imediatamente nos seduziu foi a novidade do filme de Pabst (...) Víamos o romantismo aparecer no écran, o romantismo alemão em que reencontrávamos Novalis, Arnheim... Nada disso aparecera antes da **Rua Sem Sol**. E depois o filme reflectia algo de surpreendente: a Alemanha do post-guerra, a miséria, a decomposição moral, essa espécie de morbidez (não há outra palavra) alemã, simultaneamente muitíssimo viva". Realismo, romantismo. Aqui, a novidade parece-nos hoje bastante relativa e enganadora. Quando nos lembramos de outras obras do "Kammerspielfilm" (**A Escada de Serviço, Nju, Destroços, A Noite de S. Silvestre**) todas elas anteriores, percebemos de que estética releva esta famosa obra, e de que *décors* surgiram as suas casas, ruas, restaurantes, festas. Inteiramente rodada em estúdio (não há um plano de exteriores em toda a obra), **Die Freudlose Gasse** não é o princípio de qualquer coisa, mas o termo de um percurso, antes traçado por Leni, Jessner, Czinner ou Lupu Pick. É uma obra-síntese de todas essas que sob esse ângulo (o do realismo) não vai mais longe que qualquer delas. Quanto ao romantismo (e aos ecos de Novalis e Arnheim) qualquer filme anterior de Murnau (**O Castelo Maldito, Nosferatu, O Último dos Homens**) fora infinitamente mais longe.

Mas nem por isso (ou por causa disso) **Rua Sem Sol** deixa de ser um filme sintomático. A sua cuidadosíssima iluminação (com os famosos efeitos de claro-escuro) é uma súpula da estética teatral de que Pabst é também herdeiro e a laboriosa montagem (o movimento dum plano, seguido no plano seguinte por idênticos movimentos em direcção oposta) é o resultante duma investigação prosseguida nos muitos filmes alemães da época, funcionando aqui na máxima dramaticidade e aproveitando ao máximo as diversas características dos actores.

Combinação extremamente inteligente do "Kammerspielfilm" (sobretudo de Lupu Pick) com as descobertas espaciais de Murnau, **Rua Sem Sol**, obra fundamentalmente programática, é sobretudo um *emblema* do cinema alemão dos meados dos anos 20: o que, mais uma vez na dependência da linguagem teatral, fez a *passagem* da lição de Reinhardt à de Piscator e reúne, num só movimento, as trevas interiores dos seus tipificados protagonistas com a carga emotiva da "cólera do povo" contra forças do mal (Krauss, Gert) não menos tipificadas e, por isso mesmo, não menos reduzidas. Daí, finalmente, a simplicidade e a exemplaridade desta famosa obra.

JOÃO BÉNARD DA COSTA